



O deslocamento populacional como fator propulsor da mudança linguística

Population displacement as a driving factor of linguistic change

*Dante Lucchesi**

RESUMO: O artigo analisa o efeito do deslocamento populacional na implementação de mudanças linguísticas em uma variedade do português popular brasileiro, o português afro-brasileiro, no contexto da polarização sociolinguística do Brasil. O algoritmo da polarização sociolinguística prevê um nivelamento linguístico, com a difusão das variantes linguísticas de prestígio nas grandes cidades para todas as classes sociais e para todas as regiões do país, desencadeando mudanças “de cima para baixo” na norma popular do português brasileiro, em que as antigas formas produzidas pelo contato entre línguas no passado estão sendo substituídas pelas formas urbanas com prestígio social. O deslocamento de indivíduos de comunidades rurais para os centros urbanos em busca de trabalho e o seu retorno às suas comunidades de origem têm sido um fator que impulsiona essas mudanças. Para comprovar essa hipótese, foram computados os resultados quantitativos da variável explanatória referente ao deslocamento populacional produzidos por dez análises sociolinguísticas sobre aspectos da morfossintaxe em variação na fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas. Os dados empíricos comprovaram a hipótese, demonstrando

ABSTRACT: The article analyzes the effect of population displacement on the implementation of linguistic changes in a variety of popular Brazilian Portuguese, Afro-Brazilian Portuguese, in the context of Brazil’s sociolinguistic polarization. The algorithm of sociolinguistic polarization predicts a linguistic leveling, with the diffusion of prestigious variants in the big cities to all social classes and to all regions of the country, triggering changes from above in Popular Brazilian Portuguese, so that the old forms produced by language contact in the past are being replaced by urban forms with social prestige. The migration of individuals from rural communities to urban centers in search of work and their return to their communities of origin has been a factor driving these changes. In order to prove this hypothesis, we have computed the quantitative results of the explanatory variable referring to the population displacement produced by ten sociolinguistic analyzes about variable aspects of the morphosyntax in the isolated Afro-Brazilian rural communities. The empirical data proved the hypothesis by demonstrating that the population displacement is really a propelling factor of the linguistic change in the social context observed.

* Universidade Federal Fluminense (UFF), bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Processo n.: 309397/2014-6). <https://orcid.org/0000-0002-8058-2658>, dante.lucchesi@gmail.com.

que o deslocamento populacional é realmente um fator propulsor da mudança linguística no contexto social observado.

PALAVRAS-CHAVE: Deslocamento populacional. Mudança linguística. Português afro-brasileiro. Contato entre línguas. Morfossintaxe.

KEYWORDS: Population displacement. Linguistic change. Afro-Brazilian Portuguese. Language contact. Morphosyntax.

1. Introdução

Este artigo evidencia o efeito do deslocamento populacional na implementação de mudanças em curso no português popular, no contexto da *polarização sociolinguística do Brasil* (LUCCHESI, 2015a). No algoritmo da polarização sociolinguística, estaria em curso um *nivelamento linguístico*, em função de mudanças “de cima para baixo”, nos termos de Labov (2008), na fala da população de baixa ou nenhuma escolaridade. Essas mudanças seriam impulsionadas por diversos fatores provenientes do processo de industrialização e urbanização que se implementou efetivamente, a partir da Revolução de 1930, promovendo “um dos maiores êxodos rurais contemporâneos, invertendo em pouco mais de meio século a distribuição da população brasileira” (FARACO, 2016, p. 151). Dentre os fatores que impulsionam essas mudanças, destacam-se: a maciça influência dos meios de comunicação de massa, e mais recentemente da Internet; a ampliação do sistema público de educação formal, em que pese a sua precariedade; e a expansão da malha rodoviária, que facilitou o deslocamento da população, tanto no sentido das grandes cidades, quanto no sentido inverso, dos que retornam para suas localidades de origem, após um período de trabalho sazonal. Esses fatores impulsionam mudanças nas quais as variantes linguísticas de prestígio nos grandes centros urbanos são difundidas para as classes mais baixas e para todas as regiões do país, mesmo as mais recônditas. Essas formas linguísticas urbanas estão substituindo progressivamente as formas características do vernáculo popular rural, muitas delas engendradas no passado a partir da aquisição

precária do português por milhões de índios aculturados e africanos escravizados e da nativização dessa variedade defectiva de segunda língua entre os seus descendentes, em um processo de *transmissão linguística irregular de tipo leve* (LUCCHESI, 2009a, 2015a).

Este artigo focaliza o efeito do deslocamento populacional na implementação dessas mudanças em comunidades rurais afro-brasileiras do interior da Bahia que se mantiveram em relativo isolamento até os finais do século XX, sendo que algumas delas têm a sua origem em antigos quilombos. A base empírica será fornecida por resultados de análises sociolinguísticas conduzidas no âmbito do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, algumas já publicadas no livro *O Português Afro-Brasileiro* (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009), outras na forma de dissertações e teses, posteriormente. Essas análises se orientaram pelo *Paradigma Variacionista* (LABOV, 2008, 1994, 2001a, 2001b) e buscaram identificar mudanças em progresso, através da análise sincrônica dos padrões de variação linguística nessas comunidades.

Para escrutinar seu objeto de estudo, este artigo se estrutura da seguinte maneira. Na primeira seção, será traçado um panorama da polarização sociolinguística do Brasil, dirigindo-se para as mudanças em curso na norma popular. Na segunda seção, será descrito como o deslocamento populacional foi formalizado como variável explanatória nas análises sociolinguísticas aqui observadas. Na terceira, serão analisados os resultados quantitativos do efeito do deslocamento populacional em estudos da variação em dez aspectos da morfossintaxe da gramática das comunidades de fala analisadas. Na conclusão, será mensurada a produtividade desse fator na implementação da mudança linguística, no universo do português popular do Brasil.

2. Tendências de mudança no português popular no contexto da polarização sociolinguística do Brasil

A polarização sociolinguística é, em primeiro lugar, o resultado da clivagem etnolinguística que marca a formação da sociedade brasileira, desde o início da

colonização portuguesa, no século XVI. Embora o português seja hoje a língua materna de pelo menos 98% da população brasileira, durante os primeiros quatro séculos da colonização, só um terço da população do Brasil era composto por falantes nativos do português, filhos de pais também falantes nativos dessa língua (LUCCHESI, 2015a). Os outros dois terços eram compostos por índios aculturados, africanos escravizados e seus descendentes, que constituem, na atualidade, a maioria da população mais pobre e marginalizada da sociedade brasileira. Assim, a fala da população das classes populares, com pouca ou nenhuma escolaridade, ainda guarda reflexos da aquisição precária do português por parte de índios e africanos e da sua nativização entre os descendentes desses segmentos.

Embora não tenha atingido a radicalidade encontrada nos processos de pidginização/crioulização, como aqueles que ocorreram no Caribe (LUCCHESI, 2019), o contato entre línguas no Brasil desencadeou um conjunto de mudanças que são responsáveis pelas características que hoje separam a fala das camadas populares da fala da elite letrada brasileira, como consequência de um processo definido por Baxter e Lucchesi (2006, 2009) como *transmissão linguística irregular de tipo leve*. Essas mudanças atingem principalmente os mecanismos gramaticais sem valor informacional ou com um significado mais abstrato, como as regras de concordância, a flexão de caso, os artigos, algumas preposições, o pronome reflexivo quando esvaziado de seu conteúdo semântico original etc.

Segundo Lucchesi (2017), o processo de imposição da língua portuguesa aos demais segmentos étnicos da população brasileira se estende desde os finais do século XVII, quando a situação do Brasil tem sido caracterizada por um “multilinguismo generalizado”, até o início do século XX, quando se configura uma situação de “multilinguismo localizado” (MATTOS E SILVA, 2004). Assim, a clivagem etnolinguística do Brasil deixa progressivamente de opor a língua portuguesa às línguas indígenas e africanas e passa a assentar na oposição entre a variedade de

português da elite letrada, historicamente influenciada pelos modelos da ex-metrópole, e as variedades das classes sociais mais baixas, que até o início do século XX ainda apresentavam notáveis alterações decorrentes do contato entre línguas, pois, nessa época, cerca de 80 % da população brasileira vivia no campo e sua grande maioria era composta por descendentes iletrados de índios e africanos. Ainda segundo Lucchesi (2015a, 2017), essas marcas do contato entre línguas nas variedades populares do português brasileiro começaram a ser mais atenuadas, a partir de 1930, com o processo de industrialização e urbanização do Brasil, pois os imensos contingentes da população que foram para as grandes cidades foram se inserindo no mercado de trabalho e de consumo urbanos. Com isso, foram tendo acesso à escolarização e passaram a ser crescentemente influenciados pelos meios de comunicação de massa.

Os reflexos sociolinguísticos de todo esse processo são a assimilação das formas linguísticas de prestígio nas grandes cidades por esse contingente urbanizado, bem como a difusão dessas formas linguísticas de prestígio para todas as regiões do país. A consolidação e a difusão de uma norma urbana culta são inerentes à formação das modernas sociedades capitalistas da Europa e da América do Norte (FARACO, 2008). Porém, as características do desenvolvimento tardio e dependente do capitalismo no Brasil não possibilitaram uma plena inserção das classes trabalhadoras no mercado formal de trabalho e, sobretudo, no mercado de consumo, particularmente de bens culturais. Grande parte da população proveniente do campo ficou marginalizada nas periferias das grandes cidades, em bolsões de miséria, marcados pelo abandono do Estado e pelos altos índices de violência e criminalidade. Com isso, a difusão da norma urbana culta para as classes sociais mais baixas foi severamente restringida, conservando-se na fala popular muitos reflexos das mudanças que o contato linguístico desencadeou no passado (LUCCHESI, 2015a).

Portanto, a polarização sociolinguística do Brasil, na atualidade, nada mais é do que a expressão sociolinguística do violento *apartheid* que caracteriza a sociedade

brasileira, uma das mais desiguais e cruéis do planeta, em decorrência de uma absurda concentração de renda, que as classes dominantes procuram manter a todo custo, com o maciço apoio dos oligopólios que dominam os meios de comunicação de massa. Nesse processo, um golpe jurídico-midiático-parlamentar derrubou um governo democraticamente eleito, em 2016, pondo fim a um ciclo de governos do Partido dos Trabalhadores (PT), que se iniciara em 2003 e se caracterizou pela distribuição e renda, pela elevação real dos salários e pela ampliação do acesso à educação superior. E para impedir o retorno desse projeto político do PT, o maior líder popular do país, Luís Inácio Lula da Silva, que liderava todas as pesquisas de intenção de voto para as eleições presidenciais, em 2018, foi condenado e preso, em uma farsa que entrará para a história das teratologias jurídicas, sendo impedido de participar da eleição pelos Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que desrespeitou, assim, uma determinação do Comitê de Direitos Humanos da ONU para que Lula participasse livremente do processo eleitoral. Com isso, um candidato com posições fascistas foi eleito, com o apoio ilegal de empresários que financiaram um verdadeiro tsunami de *fake news* nas redes sociais, contando com a omissão do mesmo TSE.

Desde que tomou posse, esse governo, que conta com um apoio das forças armadas, o que compromete ainda mais o Estado Democrático de Direito no país, tem promovido violentos retrocessos no que concerne à preservação do meio ambiente, ao direito dos povos indígenas, bem como no plano social, solapando direitos trabalhistas e previdenciários, aprofundando a concentração de renda e comprometendo seriamente as políticas de educação pública e de respeito aos direitos humanos. Com isso, o ritmo das mudanças linguísticas de assimilação dos modelos da norma urbana culta pelas classes populares pode diminuir ainda mais, embora a influência da Internet e dos meios de comunicação de massa, bem como o deslocamento populacional aqui analisado, possam continuar atuando como fatores da mudança linguística, mesmo diante de um aprofundamento da desigualdade social.

No plano das representações simbólicas da língua, o pesado estigma que se abate sobre as características mais proeminentes da fala popular consubstanciam o caráter eminentemente ideológico da polarização sociolinguística. Como as formas mais discriminadas da fala popular como a falta de concordância verbal e nominal são o resultado direto do contato do português com as línguas indígenas e africanas, o preconceito linguístico pode ser visto como uma manifestação de racismo, que ainda é tolerada pela posição *sui generis* que a língua ocupa no universo da cultura. O preconceito linguístico atua como um poderoso instrumento ideológico, legitimando as relações sociais de superexploração do trabalho, na medida em que desqualifica os usuários da linguagem popular, contribuindo para a sua representação no estereótipo de cidadãos de segunda classe (LUCCHESI, 2011a, 2011b, 2015a). Portanto, a polarização sociolinguística, ao mesmo tempo em que é um reflexo das relações sociais, é, dialeticamente, um mecanismo ideológico que contribui para a reprodução destas.

Para além de identificar os fundamentos históricos, socioeconômicos e ideológicos da polarização sociolinguística do Brasil, foi preciso formalizar um modelo teórico que pudesse impulsionar a pesquisa empírica. O algoritmo da polarização sociolinguística se funda no conceito de *norma sociolinguística*, definido por Lucchesi (2015a, p. 75),

como contraparte linguística dos grupos sociais que formam a comunidade de fala [e] assenta nestes três parâmetros:

- (1) a frequência relativa de uso das variantes linguísticas entre os membros de cada grupo social;
- (2) a avaliação subjetiva das variantes linguísticas comum aos membros de cada grupo;
- (3) as tendências de mudança em curso em cada grupo social."

O terceiro parâmetro é o que se relaciona mais diretamente ao tema deste artigo. Nesse sentido, nos aspectos da morfossintaxe do português afetados pelo contato entre línguas, os padrões linguísticos da elite letrada, a *norma* (sociolinguística) *culta*, exibem

uma tendência de mudança linguística distinto do observado na fala dos indivíduos das classes sociais mais baixas, com pouca ou nenhuma escolarização, a *norma* (sociolinguística) *popular*. Na norma culta, o que se observa, em relação às regras de concordância, por exemplo, é uma situação de variação estável, ou de ligeira gradação geracional, nos termos de Labov (2008, 1981, 1994). Já na norma popular, encontra-se geralmente uma tendência de mudança em progresso no sentido da implementação do emprego das regras de concordância. Este artigo analisa a atuação do fator deslocamento populacional na implementação dessas mudanças observadas na norma popular, particularmente no chamado *português afro-brasileiro* (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009).

3. O deslocamento populacional como variável explanatória da mudança linguística

O modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista surgiu na década de 1960, com base nas pesquisas empíricas de William Labov (1966, 2008) na Ilha de Martha's Vineyard e na cidade de Nova York, em função do espaço criado pela incapacidade do Estruturalismo em abordar satisfatoriamente a questão da mudança linguística (LUCCHESI, 2004). Alguns estruturalistas, como Hockett e Bloomfield, chegaram a afirmar a impossibilidade do estudo científico da mudança linguística, já que não era possível observá-la diretamente (LABOV, 2008, p. 14). Assim, Labov (2008, p. 14-15) formula o programa de pesquisa da Sociolinguística negando esse e outros princípios caros ao estruturalismo, como o da "variação livre" e a ideia de que o indivíduo não poderia interferir no curso da mudança.

A base da pesquisa sociolinguística, cujo texto programático foi escrito por Weinreich, Labov e Herzog (2006), é o princípio de que, longe de ser livre, a variação linguística é fortemente condicionada por fatores não apenas da estrutura linguística, mas também da estrutura social. Além disso, a variação observada em um determinado momento refletiria os potenciais processos de mudança operando na

estrutura linguística. Dessa forma, através da análise sistemática da variação sincrônica é possível analisar o próprio desenvolvimento diacrônico da mudança linguística, superando assim mais uma das rígidas dicotomias saussurianas.

A distribuição das variantes linguísticas na estrutura interna da língua e na estrutura social refletiriam a propagação do processo de mudança, já que este não era *sistemático*, como propugnava Coseriu (1979), no sentido de que a substituição de uma variante por outra ocorreria abruptamente em toda a estrutura linguística e social. Os contextos linguísticos em que a variante inovadora é mais frequente indicariam os fatores estruturais que estariam favorecendo aquele processo específico de mudança, enquanto os contextos em que a variante conservadora é mais frequente indicariam os fatores estruturais inibidores do processo de mudança. Da mesma forma, os fatores sociais com maior frequência da variante inovadora estariam impulsionando a mudança; aqueles com menor frequência desta estariam retardando a mudança. Assim, a mudança linguística seria uma função dos fatores linguísticos e sociais que a determinam (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 107-108), e a quantificação da frequência das variantes linguísticas em função dessas variáveis linguísticas e sociais que afetam o seu uso tornou-se essencial à análise variacionista, a tal ponto que o modelo também passou a ser chamado *Sociolinguística Quantitativa*. E modelos computacionais foram desenvolvidos para o processamento estatístico dos dados da variação linguística (GUY; ZILLES, 2007).

Porém, a variação sincrônica não refletiria necessariamente um processo diacrônico de mudança, já que as variantes poderiam se manter em concorrência na estrutura linguística indefinidamente, o que configuraria uma situação de *variação estável*. Labov (1981) sistematizou os resultados que deveriam ser considerados para fazer a distinção entre a *variação estável* e a *mudança em progresso*, com base nas seguintes variáveis sociais explanatórias: idade, sexo e classe social do informante.¹ Em linhas

¹ No Brasil, a variável classe social tem sido substituída pela variável escolaridade (VOTRE, 2003).

gerais, o diagnóstico de mudança em progresso deveria se basear nos seguintes resultados: (i) uma curva ascendente no resultado da variável faixa etária, com os falantes mais jovens empregando mais a variante inovadora; (ii) os homens liderando o processo de mudança, nos casos de mudança que se afastam do padrão de prestígio, e as mulheres liderando as mudanças em direção às variantes de prestígio²; e (iii) os setores da classe média baixa e da classe operária alta liderando as mudanças em direção às formas de prestígio. Nos casos de variação estável, seriam obtidos os seguintes resultados: (i) curvilínea com os indivíduos da faixa etária intermediária (com idade para atuar no mercado de trabalho) empregando mais frequentemente a variante de prestígio; (ii) as mulheres empregando mais a variante de prestígio; e (iii) as classes mais altas empregando mais a variante de prestígio.

Embora esse modelo tenha orientado as pesquisas empíricas da Sociolinguística desde a década de 1970, algumas críticas e propostas alternativas têm sido formuladas, desde a década de 1980, inclusive no que concerne à definição do objeto de estudo da sociolinguística como formulada por Labov.

Labov define o objeto de estudo da Sociolinguística como a *comunidade de fala*. A comunidade de fala se define mais pela uniformidade do julgamento das formas linguísticas do que pela homogeneidade no comportamento linguístico dos seus membros (LABOV, 2008, p. 150 e 188). Para James e Lesley Milroy (1997, p. 54-55), a concepção de Labov baseia-se em uma visão tradicional de estratificação social que “resulta em uma visão de consenso na sociedade, que pressupõe uma concordância geral em torno da hierarquia”. Esse modelo seria incapaz de apreender as contradições sociais e os diferentes sistemas de avaliação da variação linguística que se opõem dentro da comunidade de fala. Para apreender essas contradições, James e Lesley Milroy desenvolveram um modelo de análise a partir de pesquisas de campo de Lesley Milroy, com um caráter mais etnográfico, junto a comunidades de trabalhadores da

² Essa visão é discutida e questionada por Freitag (2015).

cidade de Belfast, na Irlanda do Norte. Para Eckert (2012), esse modelo constituiria a segunda onda de desenvolvimento das pesquisas sociolinguísticas.

Tal modelo se baseia no conceito de **rede social** (MILROY, 1980; MILROY; MILROY, 1992) e visa a desenvolver uma metodologia de mensuração da resistência de determinados grupos sociais à normatização linguística institucional, pois esses pesquisadores observaram que algumas comunidades de trabalhadores conservavam sua norma vernacular, como uma forma de solidariedade de grupo, não assimilando o modelo de prestígio entre as classes médias e altas. Segundo o seu conceito fundador, o comportamento do falante individual é, em grande parte, determinado por sua **rede de relações sociais**. Dessa forma, um grupo social caracterizado por uma rede de relações **densa e multiplex** (ou seja, todos os indivíduos da coletividade se relacionam entre si de várias maneiras), seria mais refratário à normatização linguística institucional, conservando, assim, suas formas vernáculas tradicionais. Esta seria a situação de muitos grupos subalternos e marginalizados. Já no contexto dos grandes centros urbanos, em que o indivíduo se relaciona de uma única maneira apenas com uma parte da coletividade, predominaria a influência da normatização linguística institucional, com uma tendência de mudança em direção às formas linguísticas de prestígio.

Por outro lado, Penelope Eckert critica o uso de categorias sociais macro, como sexo, idade e classe social, na variação linguística e centra sua análise na forma como os indivíduos constroem sua identidade social a partir de suas práticas linguísticas. Esse modelo de análise se funda a partir do conceito de *comunidade de prática*, constituindo o que Eckert (2012) definiu como terceira onda de desenvolvimento das pesquisas sociolinguísticas. Eckert e McConnell-Ginet (2010, p. 464) definem comunidade de prática como um grupo de pessoas que se reúnem em torno do desenvolvimento mútuo de um objetivo comum. Os estudos da terceira onda

ênfatisam a atuação consciente do falante nas negociações linguísticas e se centram principalmente nas questões de gênero.

Em um outro sentido, Lucchesi (2012a; 2015, p. 45-76) criticou a forma mecanicista e atomística como os resultados das variáveis sociais têm sido interpretadas nas análises sociolinguísticas, propondo uma abordagem mais globalizante dos processos de variação e mudança, considerando o contexto sócio-histórico mais amplo, bem como os aspectos ideológicos decorrentes das contradições de classe que permeiam a sociedade capitalista. Nesse sentido, a proposta de Lucchesi se aproxima mais do modelo dos Milroy, pois ele não refuta a correlação com as variáveis sociais, no plano social mais amplo, como faz Eckert.

Assim, uma via de desenvolvimento do modelo de pesquisa sociolinguística seria aprimorar a fundamentação sociológica da comunidade de fala, com um refinamento das variáveis sociais integradas na análise. A variável classe social, por exemplo, é uma variável compósita, pois engloba diversos fatores distintos, como o nível renda e de instrução, o tipo de ocupação e o local de moradia etc. Além disso, os parâmetros de definição de classe social serão muito diferentes de sociedade para sociedade e também vão variar no tempo (WARDHAUGH; FULLER, 2015, p. 153). Portanto, é preciso capturar as especificidades de cada contexto sócio-histórico em que a variação linguística é analisada.

No caso da realidade brasileira, o deslocamento de pessoas do interior do país para as grandes cidades em busca de trabalho é um dos elementos cruciais no processo de estruturação da sociedade brasileira desde meados do século passado, como destacado acima. Assim, essa variável teria um impacto potencialmente elevado na implementação das mudanças que constituem o nivelamento linguístico, no contexto atual da polarização sociolinguística do Brasil.

O Projeto *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*, ou *Projeto Vertentes* (www.vertentes.ufba.br), busca traçar um panorama sociolinguístico da fala popular

da Bahia, atentando para sua formação histórica, dentro da concepção mais ampla de uma *Linguística Sócio-Histórica*, conforme delineado por Lucchesi (2015a, p. 60-62). Nesse sentido, o massivo contato do português com as línguas indígenas e africanas, que marca a formação da sociedade brasileira, é crucial para compreender a configuração atual das variedades populares da língua portuguesa no país. Com base nisso, as pesquisas de campo da primeira etapa do Projeto Vertentes foram feitas em comunidades rurais relativamente isoladas e formadas quase que exclusivamente por descendentes diretos de antigos escravos africanos. Muitas dessas comunidades se formaram como agrupamentos de escravos foragidos, os quilombos. Por suposto, estariam na fala dessas comunidades os efeitos mais notáveis do contato entre línguas, considerando o conjunto das variedades linguísticas brasileiras (LUCCHESI; BAXTER; SILVA; FIGUEIREDO, 2009, p. 75-82).

Seguindo a metodologia laboviana, foram feitas entrevistas de tipo sociolinguístico com doze membros de quatro comunidades de diferentes regiões do interior do Estado da Bahia, no período que vai do ano de 1992 a 2003: os arraiais de Rio de Contas, na Chapada Diamantina (amostra coletada em 1992); Cinzento, na região do Semi-Árido (amostra coletada em 2002); Helvécia, no litoral do extremo sul do Estado (amostra coletada em 1994); e Sapé, no município de Valença (amostra coletada em 2003), um pouco ao sul do Recôncavo Baiano, na chamada Costa do Dendê (LUCCHESI; BAXTER; SILVA; FIGUEIREDO, 2009, p. 83-100). Essas amostras foram estratificadas em função das variáveis sexo e três faixas etárias: de 20 a 40 anos; de 41 a 60 anos e mais de 60 anos. Outras variáveis sociais foram consideradas, embora não tenham sido integradas na estratificação das amostras. Os entrevistados foram divididos entre os que tinham alguma experiência de escolarização e os que eram totalmente analfabetos, para aferir os efeitos da variável *nível de escolaridade*. E o deslocamento populacional foi considerado, dividindo os falantes entre os que tinham vivido pelo menos seis meses fora da comunidade e os que nunca tinham vivido fora

e constituindo uma variável denominada *estada fora da comunidade* (LUCCHESI, 2009b, 155-161).

Segundo a visão que orientou a análise, estariam em curso mudanças “de cima para baixo” e de fora para dentro das comunidades, nas quais as formas linguísticas de maior prestígio nos grandes centros urbanos estariam sendo assimiladas pelos seus membros, sobretudo os mais jovens, com maior contato com a escolarização e mais expostos à ação dos meios de comunicação de massa (LUCCHESI, 2009c). Muitos moradores saem das comunidades para trabalhar nos grandes centros e depois retornam. As mulheres normalmente trabalham como empregadas domésticas, e os homens se empregam mais frequentemente na construção civil. Nesse tempo em que vivem nas grandes cidades, ou mesmo nas cidades de médio porte da região, têm um maior contato com o dialeto urbano e com as variantes de maior prestígio social. Foi definido um tempo mínimo de seis meses para esse contato poder afetar o comportamento linguístico do indivíduo. Assim, os indivíduos que viveram pelo menos seis meses fora da comunidade reuniriam condições potenciais para liderar as mudanças linguísticas resultante de influências externas, juntamente com os que foram mais expostos à escolarização e aos *mass media*.

Confirmada a hipótese de que os indivíduos que viveram nos grandes centros empregam mais as variantes linguísticas urbanas em detrimento das variantes do vernáculo de sua comunidade rural, pode-se inferir que o princípio de solidariedade de grupo, identificado por Milroy e Milroy (1992), em algumas comunidades de trabalhadores de Belfast, não se confirma em comunidades rurais do interior do Brasil. No geral, o nível de renda dessas comunidades é muito baixo e nelas a população é desassistida, tendo um acesso muito precário aos serviços públicos básicos, como a saúde e a educação. Essa marginalização econômica e social cria uma dependência e um sentimento de inferioridade, em relação ao mundo exterior e principalmente ao universo urbano, que é visto como fonte do progresso e de desenvolvimento social.

Esse contexto explicaria a tendência geral de aderência dos indivíduos das comunidades rurais aos modelos linguísticos adventícios, principalmente os modelos linguísticos urbanos, que são veiculados pelos meios de comunicação de massa, principalmente.

Por outro lado, em algumas comunidades da periferia das grandes cidades, já afloram manifestações de solidariedade linguística e cultural, em um processo de construção identitária de determinados grupos sociais em reação aos padrões culturais hegemônicos. Esse movimento encontra uma forte expressão em manifestações artísticas populares, como o funk e o hip hop, particularmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, as duas maiores cidades do país. Portanto, deve-se pensar sempre em um quadro de contradições, mesmo nas comunidades rurais analisadas, onde também há manifestações culturais, artísticas e religiosas que contribuem para sua construção identitária, como a Festa de Reis; não obstante essa tendência geral à aderência linguística, que naturalmente será também mais forte nos indivíduos que deixam sua comunidade em busca de uma vida melhor na cidade.

Para aferir a influência do deslocamento de indivíduos para os grandes centros urbanos com o seu retorno às suas comunidades rurais de origem, foram observados os resultados de análises sociolinguísticas que focalizaram precipuamente fenômenos linguísticos da morfossintaxe que supostamente teriam sido afetados pelo contato entre línguas na formação histórica das quatro comunidades rurais afro-brasileiras analisadas pelo Projeto Vertentes.

4. Os efeitos do deslocamento populacional nos processos de variação e mudança no português afro-brasileiro

O processo de transmissão linguística irregular de tipo leve que marcou a formação das variedades populares da língua no Brasil afetou quase que exclusivamente os mecanismos gramaticais sem valor informacional ou com um valor semântico mais abstrato. Esses elementos da estrutura gramatical foram priorizados

nas análises do chamado *português afro-brasileiro* (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009), com base na visão de que a linguagem das comunidades rurais afro-brasileiras guardaria uma especificidade no universo sociolinguístico do país, em função das características que nelas se desenvolveram pela ação do contato entre línguas.

Nesta seção, serão apresentados os resultados da variável *estada fora da comunidade*, que se relaciona ao deslocamento populacional, produzidos por análises quantitativas realizadas sobre as amostras recolhidas nas quatro comunidades afro-brasileiras apresentadas na seção anterior, focalizando os seguintes fenômenos morfosintáticos: a concordância verbal; concordância nominal de número e de gênero no interior do SN e nas construções passivas e de predicativo do sujeito; a negação sentencial; e o emprego das formas do subjuntivo.

As análises adotaram os fundamentos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008, 1994, 2001a, 2001b) e foram orientadas pela seguinte hipótese geral: estariam em curso nas comunidades mudanças nas quais as antigas formas geradas pelo contato entre línguas no passado estariam sendo substituídas por formas externas provenientes da influência dos grandes centros urbanos sobre todas as regiões do país, conforme descrito acima. As variáveis sociais consideradas foram: idade, sexo, escolaridade e estada fora da comunidade. No que concerne à variável faixa etária, os mais velhos usariam mais a variante conservadora proveniente do contato, com o uso da variante inovadora proveniente dos centros urbanos aumentando na medida em que se passa para as faixas etárias mais jovens. Ao contrário do que se observa na maioria das análises sociolinguísticas (CHAMBERS, 1995, p. 102-103), são os homens que lideram a mudança em direção às variantes de prestígio nessas comunidades rurais, porque são eles que têm mais contato com o mundo exterior (indo, por exemplo, à feira do centro urbano mais próximo vender os produtos de sua roça), enquanto as mulheres ficam mais circunscritas ao universo doméstico e rural, da criação dos filhos e da

lavoura, retendo assim as formas mais vernáculas, produzidas pelo contato no passado. Estariam também na vanguarda desses processos de mudança os indivíduos que tiveram algum contato com a escolarização e os que viveram fora da comunidade por pelo menos seis meses.³

E os resultados encontrados no processamento quantitativo dos dados, utilizando diferentes versões do programa Varbrul (GUY; ZILLES, 2007), revelaram que o fator *deslocamento populacional*, medido através da variável *estada fora da comunidade*, se revelou muito atuante na implementação das mudanças em progresso identificadas nas comunidades.

4.1. Os efeitos da variável estada fora da comunidade na variação no uso da regra de concordância verbal

A concordância verbal é um dos fenômenos que ocupam uma posição central no debate sobre a participação do contato entre línguas na formação do português brasileiro (PB). Naro e Scherre (2007) defendem que o amplo quadro de variação no emprego da regra de concordância verbal, particularmente junto à 3ª pessoa do plural (e.g., *eles trabalham: eles trabalha*) seria o resultado de uma deriva secular que atuaria na estrutura interna da língua portuguesa desde antes do início da colonização do Brasil. Porém, a visão mais aceita atualmente é a de que esse quadro de variação resulta de uma simplificação morfológica que é inerente às situações de contato linguístico massivo, como o ocorrido na história do Brasil (LUCCHESI, 2012b, 2015a). Os resultados das análises sociolinguísticas do fenômeno nas últimas décadas, particularmente, nas variedades populares do PB, também fornecem fortes evidências empíricas contra a hipótese da deriva, pois essa hipótese prevê um contínuo e gradual processo de perda das marcas de concordância, enquanto a maioria das análises tem

³ Para uma caracterização sociolinguística das comunidades de fala analisadas, veja-se Lucchesi (2009c, p. 535-542).

observado uma tendência contrária de mudança no sentido da incremento do uso da regra de concordância no português popular brasileiro (PPB) (LUCCHESI, 2008, 2012c, 2015a). Neste artigo, serão analisados os resultados da variável *estada fora da comunidade* na análise de três processos distintos de variação na concordância verbal: junto à 1ª pessoa do singular, e à 1ª e à 3ª pessoa do plural (LUCCHESI; BAXTER; SILVA, 2009).

A variação no uso da regra de concordância junto à 1ª pessoa do singular (P1) (e.g., *eu trabalho: eu trabalha*) é uma característica que distingue o português afro-brasileiro, porque normalmente não ocorre nas outras variedades do PPB. Além disso, fortalece a hipótese do contato porque vai ao encontro da ideia de que o contato entre línguas teria afetado mais a fala das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, pois sua formação histórica é marcada mais profundamente por esse fenômeno do que as outras variedades do PPB. Nesse caso, portanto, o contato teria afetado todo o paradigma da flexão verbal, enquanto que, nas outras variedades do PPB, as marcas da primeira pessoa do singular foram mais consistentemente transmitidas.

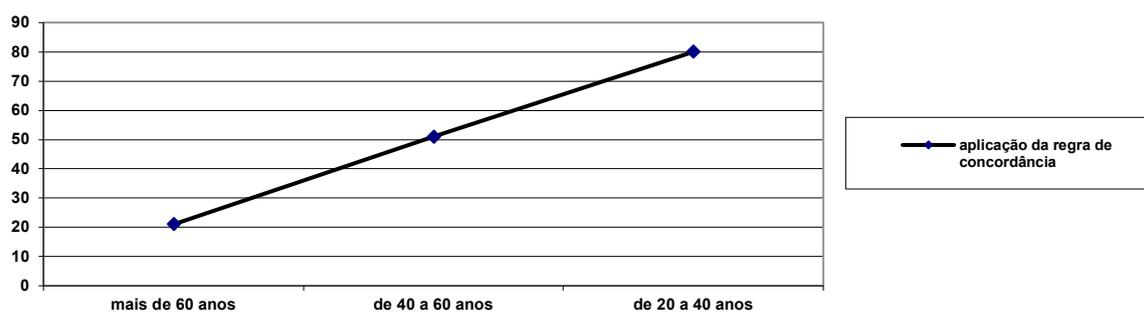
Mesmo no universo das quatro comunidades estudadas pelo Projeto Vertentes, a variação na concordância verbal junto à 1ª pessoa do singular só apresentou uma frequência consistente na comunidade de Helvécia, a única para a qual se tem evidências empíricas de ter passado por um processo de criouliização no passado (FERREIRA, 1984; LUCCHESI; BAXTER; SILVA; FIGUEIREDO, 2009). E o encaixamento social da variável configurou claramente um processo de mudança em progresso no sentido da implementação da regra de concordância na comunidade. Todas as variáveis sociais foram selecionadas como estatisticamente significativas pelo Varbrul. A variável faixa etária apontou para um cenário de mudança em progresso, com os falantes mais jovens empregando mais a regra de concordância, como se pode ver na Tabela 1 e na Figura 1.

Tabela 1 – Aplicação da regra de concordância verbal com a 1ª pessoa do singular em Helvécia-BA segundo a variável faixa etária.

Faixa etária	Nº de oc. / Total	Freq.	P.R.
20 a 40 anos	1017/1060	96 %	.80
41 a 60 anos	787/920	86 %	.51
Mais de 60 anos	752/1154	65 %	.21
TOTAL	2.556/3.134	82 %	---

Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 343-345).

Figura 1 – Aplicação da regra de concordância verbal com a 1ª pessoa do singular em Helvécia-BA, segundo a variável faixa etária (pesos relativos).



Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 343-345).

Os homens também apareceram liderando o processo de mudança, segundo o resultado dos pesos relativos, com .64 contra .44 das mulheres. E os resultados quantitativos da variável *estada fora da comunidade* confirmaram a hipótese adotada aqui de que o deslocamento populacional é um fator propulsor da mudança, pois os indivíduos que viveram pelo menos seis meses fora da comunidade empregaram mais a regra de concordância que os que não viveram fora da comunidade, como se pode ver na Tabela 2.

Tabela 2 – Aplicação da regra de concordância verbal com a 1ª pessoa do singular em Helvécia-BA segundo a variável estada fora da comunidade.

Estada fora da comunidade	Nº de oc. / Total	Freq.	P.R.
Pelo menos seis meses	1.034/1.109	93 %	.67
Não viveu fora da comunidade	1.522/2.025	75 %	.41
TOTAL	2.556/3.134	82 %	---

Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 343-345).

A análise sociolinguística da concordância verbal junto à 3ª pessoa do plural (e.g., *eles trabalham: eles trabalha*) foi feita sobre as amostras de três das comunidades estudadas pelo Projeto Vertentes (os arraiais de Rio de Contas, e as comunidades de Helvécia e Cinzento) e apresentou um cenário análogo de mudança em progresso, no sentido do aumento da frequência de uso da regra de concordância. Porém, o Varbrul não selecionou como estatisticamente relevante a variável *estada fora da comunidade*, que mede o efeito do deslocamento populacional, selecionando as variáveis sociais *idade* e *sexo* do informante. Os resultados quantitativos dessas duas variáveis apontaram para a mudança em progresso, com os mais jovens e os homens usando mais a regra de concordância.

A análise da variação na concordância verbal junto à 1ª pessoa do plural (e.g., *nós trabalhamos: nós trabalha*) cobriu todas as quatro comunidades estudadas pelo Projeto Vertentes e também identificou uma tendência de mudança no sentido da implementação da regra de concordância. Porém, foi observado que a ampla substituição do pronome *nós* em função da gramaticalização da forma nominal *a gente*, que se relaciona com a forma verbal não marcada da 3ª pessoa do singular (e.g., *a gente trabalha*), estaria enfraquecendo o processo de mudança. Mesmo assim, a variável *estada fora da comunidade* foi selecionada, indicando o deslocamento populacional como fator propulsor da mudança, com os que viveram fora das comunidades empregando mais as regras de concordância do que os que nunca saíram como se pode ver na Tabela 3.

Tabela 3 – A concordância verbal com a 1ª pessoa do plural no português afro-brasileiro segundo a variável estada fora da comunidade.

Estada fora da comunidade	Nº de oc. / Total	Freq.	P.R.
Pelo menos seis meses	55/244	23 %	.59
Não viveu fora da comunidade	29/236	12 %	.40
TOTAL	84/480	17 %	---

Nível de significância: .009.

Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 343-345).

O resultado da variável faixa etária indicou um ligeiro aumento da frequência de uso da regra de concordância, quando se passa para as faixas mais jovens, como se pode ver na Tabela 4, mas essa variável não foi selecionada pelo Varbrul.

Tabela 4 – A concordância verbal com a 1ª pessoa do plural no português afro-brasileiro segundo a variável faixa etária.

Faixa etária	Nº de oc. / Total	Freq.
20 a 40 anos	20/104	19 %
41 a 60 anos	34/188	18 %
Mais de 60 anos	30/188	16 %
TOTAL	84/480	17 %

Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 343-345).

A variável sexo também permite identificar os homens liderando um potencial processo de mudança em favor do uso da regra, mas também não foi selecionada como estatisticamente relevante.

4.2 Os efeitos da variável estada fora da comunidade na variação do uso da regra de concordância nominal de número no interior do SN

A variação na concordância nominal de número no interior do SN (e.g. *as coisas boas: as coisas boa : as coisa boa*) foi um dos fenômenos tomados por Naro e Scherre (2007) para defender sua hipótese da deriva secular. Segundo esses autores, a mudança teria origem em uma mudança fônica, a perda do -s final, iniciada já na passagem do latim

ao português, mas esse raciocínio é refutado por Lucchesi (2012b), e pelos resultados empíricos das análises sociolinguísticas que têm identificado uma tendência de mudança no sentido do incremento da regra de concordância, e não uma gradual perda da marca morfológica, como previsto pela hipótese da deriva.

Esse cenário de mudança em progresso no sentido do aumento do uso da regra de concordância nominal foi exatamente o encontrado por Andrade (2003), em sua análise da amostra de fala da comunidade de Helvécia. Há duas formas de abordar o fenômeno da concordância nominal no interior do SN: a *análise sintagmática*, que considera a aplicação da regra de concordância no conjunto do SN; e a *análise mórfica*, que observa a marcação do plural em cada constituinte do SN. Para observar o efeito das variáveis sociais, o mais adequado é considerar os resultados da análise sintagmática, o que será feito aqui.

Assim, nesse nível de abordagem do fenômeno, foram selecionadas como estatisticamente relevantes todas as variáveis sociais. Os resultados da variável faixa etária indicaram um cenário de mudança em progresso, com a frequência de uso da regra de concordância sendo maior entre os falantes de 20 a 40 anos (14 % do total, com peso relativo de .74), caindo para 9 %, na faixa de 41 a 60 anos (P.R. de .48), até chegar a apenas 4 % (P.R. de .23), entre os falantes com mais de 60 anos. Os homens também lideraram o processo de mudança em direção à variante padrão, como previsto no cenário sociolinguístico dessa comunidade. A estada fora da comunidade também foi selecionada como um fator social que impulsionou a implementação da mudança de incremento da regra na comunidade. Já o resultado da variável escolaridade não foi conclusivo. Os resultados quantitativos da variável estada fora da comunidade, em foco nesta análise, são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 – A concordância nominal de número no SN (abordagem sintagmática) na comunidade afro-brasileira de Helvécia, segundo a variável estada fora da comunidade.

Estada fora da comunidade	Nº de oc. / Total	Freq.	P.R.
Pelo menos seis meses	56/574	10 %	.61
Não viveu fora da comunidade	77/860	9 %	.42
TOTAL	133/1.434	9 %	---

Fonte: Andrade (2003, p. 132).

A diferença nos percentuais que retratam a frequência de aplicação da regra de concordância de número no SN em função da variável estada fora da comunidade é bem pequena (de apenas 1 %), mas os resultados do cálculo multivariado em pesos relativos indicam o favorecimento da aplicação da regra por parte daqueles que viveram pelo menos seis meses fora da comunidade de Helvécia, trabalhando em centros urbanos, com peso relativo de .61 contra .42 de quem nunca viveu fora da comunidade.⁴ Esse resultado reforça a hipótese do deslocamento populacional como fator que impulsiona a mudança linguística em direção ao padrão urbano na comunidade estudada.

4.3. Os efeitos da variável estada fora da comunidade na variação do uso da regra de concordância nominal de gênero no interior do SN

Assim como a concordância verbal junto à 1ª pessoa do singular, a variação na concordância de gênero no interior do SN (e.g., *uma pessoa boa : uma pessoa bom : um pessoa bom*) é outra característica que distingue o português afro-brasileiro das demais variedades do PPB. Trata-se também de outro fenômeno que contraria a hipótese da deriva secular, a qual estaria supostamente impulsionando um processo de simplificação morfológica da língua, pois a flexão de gênero é um fenômeno que tem se expandido desde a passagem do latim ao português. Hoje, palavras que não se

⁴ Em sua análise, Andrade (2003, p. 132) não informa o que levou a essa diferença entre os resultados dos pesos relativos e dos percentuais; só informa que a variável foi selecionada como estatisticamente relevante, mas não informa o nível de significância.

flexionavam em gênero no português arcaico, como *senhor* e *espanhol*, passaram a se flexionar no devir histórico da língua (LUCCHESI, 2000). Assim, a variação na marcação de gênero na fala de uma comunidade de fala como a de Helvécia só pode ser tributada ao processo de simplificação morfológica inerente às situações de contato linguístico massivo.

Trata-se de um fenômeno raro mesmo no português rural. E, dentre as comunidades analisadas, a variação só se manifestou na comunidade de Helvécia. Mesmo assim, a frequência de não aplicação da regra de concordância foi de apenas 4 % do total de ocorrências extraídas da amostra de fala analisada. Assim como a concordância de número, a análise da variação na concordância de gênero no SN também se desdobra nas abordagens sintagmática e mórfica, já definidas na subseção anterior (LUCCHESI, 2000, 2009d). Os resultados da frequência geral e das variáveis sociais são provenientes da análise sintagmática.

Embora o nível de variação seja bem baixo, os resultados das variáveis sociais revelaram um quadro bem claro de mudança em progresso no sentido de que o uso da regra de concordância de gênero tende a se tornar categórico na comunidade de fala de Helvécia (LUCCHESI, 2009d). Na variável faixa etária, encontra-se um padrão ascendente de uso da regra, na medida em que se passa da faixa dos falantes mais velhos para as faixas dos falantes mais novos, como se pode ver na Tabela 6 e na Figura 2:

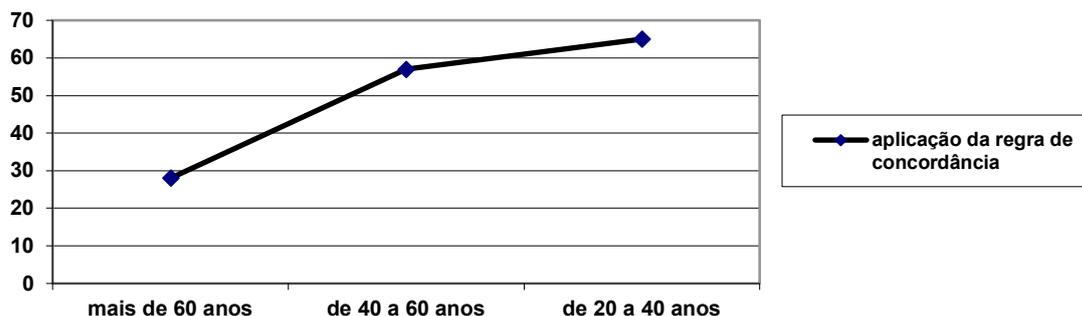
Tabela 6 – Uso da regra de concordância de gênero, em Helvécia-BA, segundo a variável faixa etária.

Faixa etária	Nº de oc./Total	Freq.	P.R.
20 a 40 anos	1.365/1.396	98 %	.65
41 a 60 anos	1.286/1.331	97 %	.57
Mais de 60 anos	1.193/1.296	92 %	.28
TOTAL	3.844/4.023	96 %	-

Nível de significância: .027.

Fonte: Lucchesi (2009d, p. 308-316).

Figura 2 – Aplicação da regra de concordância de gênero no interior do SN, em Helvécia-BA, segundo a variável faixa etária (pesos relativos).



Fonte: Adaptado de Lucchesi (2009d, p. 308-316).

Além da variável faixa etária, também foram selecionadas como estatisticamente relevantes as variáveis sexo e *estada fora da comunidade*. Os homens também lideram o processo de mudança. E o fator estada fora da comunidade mostrou-se mais uma vez relevante na implementação da mudança, como se pode ver na Tabela 7:

Tabela 7 – Uso da regra de concordância de gênero, em Helvécia-BA, segundo a variável estada fora da comunidade.

Estada fora da comunidade	Nº de ocorrências/Total	Frequência	Peso relativo
Pelo menos seis meses	1.511/1.566	96 %	.56
Não viveu fora da comunidade	2.333/2.457	95 %	.46
TOTAL	3.844/4.023	96 %	-

Nível de significância: .027.

Fonte: Lucchesi (2009d, p. 308-316).

A variável escolaridade, embora apontasse para uma frequência de uso da regra de concordância entre os falantes semianalfabetos em relação aos analfabetos, não foi selecionada como estatisticamente relevante. A observação dessa variável foi afetada por um problema na sua distribuição das amostras analisadas. A maioria dos falantes na faixa de 20 a 40 teve uma experiência de escolarização, enquanto a maioria dos indivíduos com mais de 60 anos era de analfabetos. Essa superposição acabou por

enviesar os resultados da variável escolaridade, ou impediu que ela fosse selecionada pelo Varbrul no processamento do cálculo multivariado. O problema foi identificado e solucionado em análises posteriores, rodando as duas variáveis separadamente.

4.4. Os efeitos da variável estada fora da comunidade na variação do uso das formas verbais do subjuntivo

A variação no emprego do modo subjuntivo (e.g., *eu preciso de alguém que saiba fazer isso* : *eu preciso de alguém que sabe fazer isso*) pode ser inserida no bojo do processo de transmissão linguística irregular de tipo leve, que afeta o emprego de elementos gramaticais de valor semântico mais abstrato. A análise sociolinguística feita com as amostras das quatro comunidades analisadas no Projeto Vertentes apontou para uma tendência de mudança em favor do aumento do uso das formas do subjuntivo, cujo uso teria sido reduzido no passado pelo contato entre línguas. As variáveis com relevância estatística selecionadas pelo Varbrul foram a idade e a escolaridade. As maiores frequências de uso das formas verbais do subjuntivo foram encontradas na fala dos indivíduos mais jovens com alguma experiência de escolarização. As variáveis sexo e *estada fora da comunidade* não foram selecionadas (MEIRA, 2009, p. 403-405).

4.5. Os efeitos da variável estada fora da comunidade na variação da expressão da negação sentencial

O português brasileiro apresenta três padrões de negação sentencial: (i) a negação pré-verbal (e.g. *eu não estudo isso*); (ii) a dupla negação (e.g. *eu não estudo isso não*); (iii) a negação pós-verbal (e.g. *estudo isso não*). O primeiro padrão é o mais tradicional e corrente na língua, enquanto os demais são menos frequentes e considerados desvios normativos. O fato desses padrões desviantes apresentarem uma frequência relativa maior nas comunidades rurais mais diretamente afetadas pelo contato, como se pode ver na Tabela 8, indica que, se essa mudança não foi desencadeada pelo contato, ela foi ao menos impulsionada por ele.

Tabela 8 – Frequência das variantes não padrão de negação sentencial em diferentes variedades do Português Brasileiro.

Perfil das comunidades	Comunidades	Dupla negação e negação pós-verbal
Comunidades não marcadas etnicamente	Natal	11,4 %
	Fortaleza	23 %
	Belo Horizonte	30 %
	Mariana	22,9 %
Comunidades de origem afro estudadas na pesquisa	Cinzento, Sapé, Rio de Contas	34 %
Outras comunidades de origem afro	Helvécia	33,1 %
	Pombal	35,8 %

Fonte: Cavalcante (2009, p. 253).

A tabela acima revela que a frequência relativa de padrões desviantes da negação sentencial, a dupla negação e a negação pós-verbal, é mais frequente nas comunidades rurais afro-brasileiras, onde constituem pouco mais de um terço do total de ocorrências.⁵ Uma análise variacionista realizada sobre a amostra de três comunidades afro-brasileiras (Cinzento, Arraiais de Rio de Contas e Sapé) não encontrou um padrão claro em relação ao encaixamento social da variação (CAVALCANTE, 2009). O resultado da variável faixa etária indicou um padrão de variação estável, com a variante padrão da negação pré-verbal sendo mais usado pela faixa etária intermediária de 41 a 60 anos, mas essa variável não foi selecionada como relevante em termos estatísticos. Por outro lado, a variante padrão predominou entre os homens, os que tinham vivido fora da comunidade e entre os semianalfabetos, o que indicaria uma mudança no sentido da variante padrão, embora só a variável *estada fora da comunidade* tenha sido selecionada pelo Varbrul. De qualquer maneira, esse resultado da variável *estada fora da comunidade* pode ser tomado como um indicador de

⁵ A frequência elevada na cidade de Belo Horizonte foge um pouco ao padrão esperado, sendo inclusive maior do que a frequência em uma cidade maior do mesmo Estado.

que o deslocamento populacional atua na implementação de uma mudança no sentido da difusão do padrão urbano.

4.6. Os efeitos da variável estada fora da comunidade na alternância dativa

A presença da *alternância dativa* em variedades do português popular é um dos fenômenos que mais corroboram a hipótese de que o contato entre línguas teve um papel determinante na história sociolinguística do Brasil. O fenômeno se caracteriza pela alternância entre a *construção do dativo preposicionado* (CDP) (e.g., *eu dei remédio ao/para os meninos*) e a *construção do objeto duplo* (COD) (e.g., *eu dei os meninos remédio*). Embora seja encontrada nas línguas germânicas, como o inglês (e.g., *I gave medicine to the children : I gave the children medicine*), a alternância dativa não ocorre entre as línguas românicas. Esse fato associado ao fato de que ela é recorrente entre as línguas crioulas, mesmo aquelas derivadas de línguas românicas, como o português, suporta fortemente a hipótese de que sua emergência em variedades populares do PB foi provocada pelo contato entre línguas (LUCCHESI; MELLO, 2009a, 2009b). Trata-se, nesse caso, de uma reestruturação gramatical mais profunda, produzindo uma construção, a COD, que, em princípio, é agramatical para um falante da chamada *norma urbana culta*.

A análise sociolinguística feita sobre as amostras das quatro comunidades também revelou uma mudança em progresso, com o declínio do uso da COD (LUCCHESI; MELLO, 2009a). Esse cenário se coaduna com o nivelamento linguístico previsto no esquema da polarização sociolinguística, no qual as construções produzidas no passado pelo contato linguístico estariam desaparecendo em função da implementação das construções provenientes dos centros urbanos. O resultado da variável faixa etária retrata o declínio da COD, como se pode ver na Tabela 9, com a frequência de uso dessa construção caindo de 46 % na faixa dos falantes mais velhos para apenas 15 % entre os falantes mais novos. O peso relativo de .73 para a faixa acima

de 60 anos coloca essa faixa etária como um fator favorecedor do uso da construção proveniente do contato entre línguas, em contraposição ao peso relativo de .31 para a faixa de 20 a 40 anos, que torna essa faixa um fator que desfavorece o uso da COD.

Tabela 9 - Alternância dativa no português afro-brasileiro segundo a variável faixa etária.

Faixa etária	CDP			COD		
	Nº. de oc. /Total	Freq.	P.R.	Nº. de oc. /Total	Freq.	P.R.
20 a 40 anos	71/84	85%	.69	13/84	15 %	.31
41 a 60 anos	62/78	79 %	.51	16/78	21 %	.49
Mais de 60 anos	39/72	54 %	.27	33/72	46 %	.73
TOTAL	172/234	74 %	---	62/234	26 %	---

Nível de significância .009.

Fonte: Lucchesi e Mello (2009a, p. 448-453).

A mudança no sentido da perda da COD e da generalização da CDP é confirmada pela variável escolaridade, com os falantes analfabetos usando a COD em 37 % das vezes (P.R. de .66), enquanto os falantes que tiveram alguma experiência de escolarização a empregam em apenas 19% das vezes (P.R. de .38). Isso indica que a escolarização está atuando como fator de erradicação da variante vernacular. Porém, as variáveis sexo e *estada fora da comunidade* não foram selecionadas como estatisticamente relevantes.

4.7. Os efeitos da variável *estada fora da comunidade* na realização do pronome reflexivo/inerente

No que concerne ao pronome reflexivo, o processo de *transmissão linguística irregular de tipo leve* ocorrido no Brasil não compreende mudanças mais radicais, como as observadas nos processos de criouliização, em que, por exemplo, o pronome reflexivo é substituído pela gramaticalização do substantivo 'corpo' ou 'cabeça', como ocorre no cabo-verdiano (e.g., *Djon mata kabesa*; 'João se matou'; lit. 'João matou cabeça'). Porém, a não realização do pronome reflexivo, principalmente nos contextos

em que seu significado está enfraquecido (e.g., *ela não lembrou ~ ela não se lembrou*), ou nos casos em que ele se torna uma partícula expletiva (e.g. *ele se suicidou ~ ele suicidou*), também denominando pronome *inerente*, também se verifica nas línguas crioulas⁶ e pode ser vista como o resultado de uma mudança induzida pelo contato linguístico massivo (LUCCHESI; SOUZA, 2018).

A Tabela 10 apresenta um cotejo da frequência de uso do pronome reflexivo em diferentes variedades do PB:

Tabela 10 – Frequência de realização dos pronomes reflexivos em diferentes variedades do PB.

VARIETADE – AUTOR(A)	REALIZAÇÃO	NÃO-REALIZAÇÃO
Comunidades rurais afro-brasileiras da Bahia – Souza (2011)	15,0 %	85,0 %
Português popular rural do interior de Minas Gerais – D’Albuquerque (1988)	16,0 %	84,0 %
Português popular da cidade de Ouro Preto/MG – Rocha (1999)	25,0 %	75,0 %
Português popular da cidade de São Paulo/SP – Pereira (2007)	42,0 %	58,0 %
Falantes com ensino fundamental, médio e superior de São Paulo/SP – Nunes (1995)	48,0 %	52,0 %
Falantes com ensino fundamental e médio de cidades do Paraná – Bandeira (2007)	55,0 %	45,0 %
Falantes com ensino fundamental, médio e superior de João Pessoa/PB – Mello (2009)	85,0 %	15,0 %

Fonte: Lucchesi e Souza (2018, p. 480).

Como se pode observar, a menor frequência de uso dos clíticos reflexivos é encontrada nas comunidades rurais afro-brasileiras isoladas. Isso reforça a hipótese de que a variação na realização dessa partícula gramatical teria sua origem em mudanças induzidas pelo contato do português com as línguas indígenas e africanas na formação histórica da sociedade brasileira.

A análise sociolinguística feita com base nas amostras das quatro comunidades estudadas apontou para um cenário de mudança no sentido incremento do uso do pronome reflexivo/inerente (LUCCHESI; SOUZA, 2018), o que se enquadra na ideia

⁶ No caboverdiano, o reflexivo também não se realiza nesses contextos: *Pedru xinta* ‘Pedro se sentou’; *Pedru perdi* ‘Pedro se perdeu’.

de nivelamento linguístico, no qual a variante proveniente do contato (no caso, a não realização do clítico reflexivo) estaria dando lugar à variante padrão (a sua realização). Porém, a variável faixa etária, embora tenha apresentado um padrão ascendente (com os mais jovens usando mais o clítico reflexivo), extrapolou o nível de confiabilidade estatística, de acordo com o Gold Varb, com o nível de significância sendo superior ao limite de confiabilidade de 0.05. No processamento quantitativo, foram selecionadas as variáveis sexo e estada fora da comunidade. E ambas apresentaram resultados compatíveis com o cenário de mudança de cima para baixo e de fora para dentro das comunidades, com os homens e aqueles que viveram pelo menos seis meses fora das comunidades exibindo as maiores frequências de realização do pronome reflexivo. A variável escolaridade não foi selecionada.

Os resultados da variável estada fora da comunidade são apresentados na Tabela 11:

Tabela 11 – Realização do pronome reflexivo/inerente segundo a estada fora da comunidade.

Estada fora da comunidade	Nº de oc. / Total	Freq.	P.R.
Pelo menos seis meses	70/413	17 %	.59
Não viveu foram da comunidade	81/589	14 %	.44
TOTAL	151/1002	15 %	

Input 0.11; Nível de Significância 0.049

Fonte: Lucchesi e Souza (2018, p. 477).

Os resultados quantitativos informam que os indivíduos que saíram da comunidade por mais de 6 meses realizaram mais o pronome reflexivo/inerente, com uma frequência de 17 % do total (P. R. de .59), contra uma frequência de 14 % (P. R. de .44), na fala dos indivíduos que nunca viveram fora das comunidades. Assim, os indivíduos que viveram nos centros urbanos lideram a mudança que ocorre de fora para dentro das comunidades.

4.8. Os efeitos da variável estada fora da comunidade na variação da forma do pronome de 1ª pessoa do plural

A substituição da forma canônica do pronome de 1ª pessoa do plural *nós* pela expressão nominal *a gente*, decorrente do processo de gramaticalização desta última, atinge todas as variedades do PB, portanto não seria, em princípio, uma mudança desencadeada pelo contato entre línguas, embora haja evidências de que o contato a tenha impulsionado (LUCCHESI, 2007, 2009e).

O resultado da variável faixa etária em uma análise sociolinguística feita com as amostras das quatro comunidades apontou claramente para um processo de mudança em progresso que se acelera entre as Faixas 2 e 1, como se pode ver na Tabela 12 e na Figura 3:

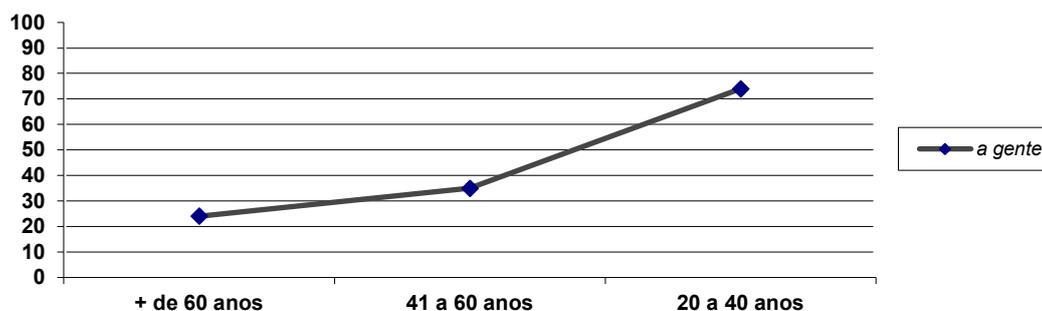
Tabela 12 – Forma do pronome de primeira pessoa do plural no português afro-brasileiro segundo a faixa etária do falante.

Faixa etária	<i>a gente</i>			<i>nós</i>		
	Nº de oc. /Total	Freq.	P.R.	Nº de oc. /Total	Freq.	P.R.
20 a 40 anos	712/818	87 %	.74	106/818	13 %	.26
41 a 60 anos	393/590	67 %	.35	197/590	33 %	.65
Mais de 60 anos	223/412	54 %	.24	189/412	46 %	.76
TOTAL	1328/1820	73 %	---	492/1820	23 %	---

Nível de significância: .009.

Fonte: Lucchesi (2009e, p. 464).

Figura 3 – Uso de *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural no português afro-brasileiro, segundo a faixa etária do falante (em peso relativo).



Fonte: Lucchesi (2009e, p. 465).

Além da variável faixa etária, o Varbrul só selecionou a variável escolaridade, com os falantes que tiveram alguma escolarização liderando o processo de mudança em direção à generalização da variante *a gente*. As variáveis sexo e *estada fora da comunidade* não foram selecionadas como estaticamente significativas.

4.9. Síntese dos resultados quantitativos

O Quadro 1 contém uma síntese dos resultados das quatro variáveis sociais utilizadas nas análises sociolinguísticas de dez fenômenos morfossintáticos variáveis na linguagem de quatro comunidades rurais afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia:

Quadro 1 – Os resultados das variáveis sociais na análise quantitativa da variação em aspectos da morfosintaxe do português afro-brasileiro.

Fenômeno	Idade	Sexo	Estada fora da comunidade	Escolaridade
Concordância Verbal (P1)	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Resultado não conclusivo
Concordância Verbal (P4)	Possível mudança em direção à variante urbana	Possível mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Não selecionada pelo VARBRUL
Concordância Verbal (P6)	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Não selecionada pelo VARBRUL	Não selecionada pelo VARBRUL
Conc. Nominal de Núm. no SN	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Resultado não conclusivo
Conc. Nominal de Gên. no SN	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Possível mudança em direção à variante urbana
Uso do Subjuntivo	Mudança em direção à variante urbana	Não selecionada pelo VARBRUL	Não selecionada pelo VARBRUL	Mudança em direção à variante urbana
Negação Sentencial	Possível Quadro de Variação Estável	Possível mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Possível mudança em direção à variante urbana
Alternância Dativa	Mudança em direção à variante urbana	Não selecionada pelo VARBRUL	Não selecionada pelo VARBRUL	Mudança em direção à variante urbana
Realização do Clítico reflexivo	Possível mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Mudança em direção à variante urbana	Não selecionada pelo VARBRUL
Uso de <i>a gente</i> como pronome	<i>Mudança em progresso geral no PB</i>	Não selecionada pelo VARBRUL	Não selecionada pelo VARBRUL	<i>Mudança em progresso geral no PB</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

OBSERVAÇÕES: (1) o resultado *mudança em direção à variante urbana* indica que a variável foi selecionada como estatisticamente relevante; (2) o resultado *possível mudança em direção à variante urbana* baseia-se apenas nos percentuais. Esses dois resultados são destacados no quadro por um sombreado, por confirmarem a hipótese do nivelamento linguístico, adotada nesta análise.

A idade e o sexo são variáveis compósitas, no sentido em que foi argumentado para a variável classe social na seção 2 deste artigo. Dessa forma, ela não expressa propriamente um fator propulsor ou inibidor da mudança linguística, mas mantém uma relação com certos fatores que afetam a implementação da mudança. No contexto das comunidades analisadas, ser mais jovem normalmente significa ter mais escolarização, estar mais exposto aos meios de comunicação de massa e estar mais bem inserido no mercado de trabalho e, conseqüentemente, mais bem inserido no mercado consumidor; estes sim, fatores propulsores das mudanças linguísticas aqui observadas. Na *abordagem em tempo aparente* (ver seção 2 acima), uma distribuição em que o uso de uma variante cresce quando se passa das faixas etárias dos falantes mais velhos para a dos mais jovens é um forte indicador de uma mudança em progresso em favor dessa variante. Esse foi o resultado em sete das análises computadas, sendo que um caso seria de uma mudança geral no PB. Em duas, os resultados apontaram nessa direção, mas a variável extrapolou o nível de confiabilidade estatística. E, em apenas uma, a distribuição pelas faixas etárias indicou uma situação de variação estável. Assim, configurou-se um panorama de mudança nas comunidades, no qual as antigas formas linguísticas desviantes que foram produzidas pelo contato entre línguas na formação das comunidades estudadas estariam sendo substituídas por variantes do padrão urbano culto. Os resultados das outras variáveis sociais também apontaram nessa direção.

A variável sexo também seria uma variável compósita, que se correlaciona a determinados fatores que atuam na implementação da mudança linguística no contexto social observado, no qual ser homem implica, no geral, ter mais contato com o mundo exterior e estar mais inserido no mercado de trabalho. No resultado de cinco das dez análises, os homens lideraram o processo de mudança; em duas análises, só houve indícios disso, e em três a variável não foi selecionada. A diferença entre essa

variável e a faixa etária pode significar que a idade mantém uma correlação mais forte com os fatores que de fato impulsionam a mudança do que a variável sexo.

As duas últimas variáveis sociais expressam realmente fatores que podem ser tomados como propulsores da mudança linguística em direção às variantes linguísticas urbanas de prestígio. A escolarização é, por excelência, um fator desse tipo. Porém, a escolaridade só se mostrou um fator atuante na implementação da mudança, com base estatística confiável, em apenas três análises. Isso pode ser atribuído a uma razão ontológica e a uma razão metodológica. No primeiro plano, a pouca influência da escolarização se deve à reduzidíssima exposição e proficiência dos falantes em relação ao universo letrado (alguns sabiam somente assinar o nome). No plano metodológico, interferiu a superposição entre a escolarização e faixa etária mais jovem, na estruturação das amostras, como reportado na subseção 3.3. Esse problema na composição das amostras nada mais é do que o reflexo da correlação entre idade e escolarização referida acima.

A variável *estada fora da comunidade* que diz respeito ao tema deste artigo, o deslocamento populacional, mostrou-se produtiva em seis das dez análises. Esse percentual de sessenta por cento do total fornece uma base empírica relativamente segura para afirmar que, no contexto segmentos populares do interior do país, os indivíduos que se deslocam para os centros urbanos em busca de trabalho e que lá permanecem por pelo menos seis meses tendem a liderar os processos de mudança em curso em suas comunidades em direção às variantes linguísticas de maior prestígio social.

5. Considerações finais

Este artigo analisou a interferência do *deslocamento populacional* na implementação da mudança linguística em comunidades rurais afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia, no contexto da *polarização sociolinguística* do Brasil, com

base nos resultados da variável *estada fora da comunidade*, em análises variacionistas de aspectos da morfossintaxe da linguagem dessas comunidades.

A variedade linguística dessas comunidades, o chamado *português afro-brasileiro*, é considerada a variedade do português brasileiro que mais foi afetada pelo contato do português com as línguas africanas em sua formação histórica. Porém, no contexto atual da polarização sociolinguística do Brasil, muitas variantes linguísticas produzidas pelo contato entre línguas no passado estariam sendo substituídas por variantes do padrão urbano culto, que se propagam pela influência reitora das grandes cidades sobre todas as regiões do país, em função da maciça influência dos meios de comunicação de massa e da massificação do sistema público de ensino, em que pesa a sua precariedade.

Para além desses fatores, o deslocamento populacional também tem atuado como fator propulsor dessas mudanças de cima para baixo e de fora para dentro das comunidades estudadas. Muitos membros dessas comunidades se deslocam para os centros urbanos em busca de trabalho e lá permanecem por períodos variáveis de tempo, que podem chegar até a muitos anos. Durante esse período, ficam mais expostos às variantes de maior prestígio social. E, quando retornam, levam consigo essas variantes, liderando os processos de mudança em curso nas suas comunidades. Essa aderência aos padrões linguísticos adventícios também revela que, em função de suas opções no contexto socioeconômico em que estão inseridos, esses indivíduos tendem a adotar os padrões de comportamento hegemônicos em detrimento dos padrões de comportamento de sua comunidade de origem.

Para verificar empiricamente essa hipótese, as análises sociolinguísticas realizadas no âmbito do Projeto *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia* formalizaram a variável *estada fora da comunidade*, dividindo os seus informantes entre os que tinham vivido fora da comunidade por pelo menos seis meses e aqueles que nunca tinham vivido fora da comunidade. Em um conjunto de dez análises aqui

observadas, em seis delas, os resultados do processamento quantitativo dos dados revelaram que os indivíduos que viveram fora da comunidade lideravam o processo de mudança, empregando com maior frequência as variantes provenientes dos grandes centros urbanos. Esses resultados fornecem uma evidência empírica razoável para a comprovação da hipótese de que o deslocamento populacional atua como um fator propulsor da mudança linguística no contexto social observado.

O emprego dessa variável linguística abre, assim, um caminho interessante para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística, através da diversificação e do refinamento das variáveis sociais, buscando capturar de forma mais adequada os elementos que estruturam o contexto social em que as mudanças linguísticas se desenvolvem.

Referências

ANDRADE, P. R. **Um fragmento da constituição sócio-histórica do português do Brasil**: variação na concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro. 2003. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) - UFBA, Salvador, 2003. DOI <https://doi.org/10.18226/610001/mostraxvi.2016.45>

CAVALCANTE, R. A negação sentencial. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009. p. 251-268.

CHAMBERS, J. **Sociolinguistic Theory**: linguistic variation and its social significance. Oxford: Blackwell, 1995.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, p. 87-100, 2012. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-092611-145828>

ECKERT, P.; MCCONNELL, S. Comunidade de prática: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). *In*: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (org.). **Linguagem, gênero e sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. DOI <https://doi.org/10.1590/s0102-311x2010001200022>

FARACO, C. A. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, C. A. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola, 2016. DOI [https://doi.org/10.17231/comsoc.34\(2018\).2961](https://doi.org/10.17231/comsoc.34(2018).2961)

FERREIRA, C. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. In: FERREIRA, C. *et al.* **Diversidade do português do Brasil**. Salvador: EDUFBA, 1984. p. 21-32.

GUY, G.; ZILLES, A. M. S. **Sociolingüística Quantitativa: instrumental de análises**. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (ed.). **Variation Omnibus**. Edmonton: Linguistic Research, 1981. p. 177-199.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Oxford: Basil Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001a.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Cognitive and Cultural Factors**. Oxford: Wiley Blackwell, 2001b.

LABOV, W. **Padrões Sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUCCHESI, D. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. DOI <https://doi.org/10.1590/1807-01912016223524>

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

LUCCHESI, D. Alterações no quadro dos pronomes pessoais e na aplicação da regra de concordância verbal nas normas culta e popular como evidências da polarização sociolingüística do Brasil e da relevância histórica do contato entre línguas. **Lingüística (Alfal)**, Santiago, v. 19, p. 52-87, 2007. DOI <https://doi.org/10.31819/9783865278555-017>

LUCCHESI, D. Aspectos gramaticais do português brasileiro afetados pelo contato entre línguas: uma visão de conjunto. *In*: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EDUFF, 2008. p. 366-390. DOI <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23286>

LUCCHESI, D. História do Contato entre Línguas no Brasil. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009a. p. 41-73. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D. Metodologia. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009b. p. 155-166. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D. Caracterização sociolinguística do português afro-brasileiro. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009c. p. 535-542. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D. A concordância de gênero. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009d. p. 295-330. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D. A representação da primeira pessoa do plural. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009e. p. 457-470. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D. Racismo linguístico ou ensino democrático e pluralista? **Grial – Revista Galega de Cultura**, Vigo – Espanha, n. 190, tomo XLIX, p. 86-95, 2011a.

LUCCHESI, D. Ciência ou dogma? O caso do livro do MEC e o ensino de língua portuguesa no Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, n. 83, p. 163-187, jan./jun. 2011b. DOI <https://doi.org/10.5380/rel.v83i1.24713>

LUCCHESI, D. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 793-805, maio/ago. de 2012a.

LUCCHESI, D. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. *In*: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (org.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012b. p. 249-274. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523212308>

LUCCHESI, D. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. **Estudos de Lingüística Galega**, Santiago de Compostela, n. 4, julho de 2012c, p. 45-65. DOI <https://doi.org/10.15304/cc.2017.1080.61>

LUCCHESI, D. **Língua e Sociedade Partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015a.

LUCCHESI, D. O contato entre línguas na história sociolinguística do Brasil. In: VALENTE, A. (org.). **Unidade e Variação na Língua Portuguesa**: suas representações. São Paulo: Parábola, 2015b. p. 80-100.

LUCCHESI, D. A periodização da história sociolinguística do Brasil. **D.E.L.T.A.**, n. 33, v. 2, 2017, p. 347-382. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-445067529349614964>

LUCCHESI, D. Por que a criouliização aconteceu no Caribe e não aconteceu no Brasil? Condicionamentos sócio-históricos. **Gragoatá**, Niterói, v. 24, n. 48, p. 227-255, jan.-abr. 2019. DOI <https://doi.org/10.22409/gragoata.2019n48a33628>

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. Processos de criouliização na história sociolinguística do Brasil. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (org.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 163-218. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-445067529349614964>

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão Linguística Irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009. p. 101-24. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009. p. 331-372. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A.; FIGUEIREDO, C. O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009. p. 75-100. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D.; MELLO, C. A alternância dativa. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009a. p. 427-456. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D.; MELLO, C. A alternância dativa no português afro-brasileiro: um processo de reestruturação original da gramática. **Papiá - Revista de Crioulos de Base Ibérica**. Brasília, Universidade de Brasília, n. 19, 2009b. p. 153-184.

LUCCHESI, D.; SOUZA, J. A variação no uso do pronome reflexivo no português afro-brasileiro como o resultado de mudanças induzidas pelo contato entre línguas no passado. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 20 – Especial, p. 458-488, 2018. DOI <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23286>

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MEIRA, V. O modo subjuntivo. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009. p. 389-408.

MILROY, J.; MILROY, L. Varieties and Variation. *In*: COULMAS, F. (ed.). **The Handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997. p. 47-64. DOI <https://doi.org/10.1002/9781405166256.ch3>

MILROY, L. **Language and Social Network**. Oxford: Blackwell, 1980.

MILROY, L.; MILROY, J. Social network and social class: toward an integrated sociolinguistic model. **Language in Society**, n. 21, p. 1-26, 1992. DOI <https://doi.org/10.1017/s0047404500015013>

NARO, A.; SCHERRE, M. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

VOTRE, S. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolingüística**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-58.

WARDHAUG, R.; FULLER, J. **An Introduction to Sociolinguistics**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Artigo recebido em: 15.02.2019

Artigo aprovado em: 16.06.2019